

Era noite de São João

(Este artigo foi publicado na revista ARTE de VIVER da Fac Vale do Jaguaribe)

“Me alembro tanto Seu Menino, que dá uma dor danada de dor”. Todo mundo na Casa de Farinha esperando uma luzinha que vinha e desaparecia entre as carnaubeiras da Caiçara, lá pras bandas de Itaiçaba! E ele que não chegava na velha Rural. Qualquer luzinha que a gente avistava era uma correria desenfreada alpendre abaixo: “lá rem ele!...”

Ah! Como a gente adorava a enganação. Mais uma luzinha que vinha e se perdia, e com ela a esperança dele chegar mais cedo. Uma luzinha trazendo um cheiro, cheiro do suor, suor do peito, peito da camisa, camisa empoeirada da estrada carroçal, um cheiro gostoso de bom! Queria ter pegado mais na sua mão, observado mais sua estética, aprendido mais sua gramática, decodificado a sabedoria deste sertanejo de Euclides, um forte vindo dos cafundós do Jaguaribe com a mala e a coragem.

Ele gostava de nos levar ao Cine Art na matinal do “Gordo e o Magro”, à quermesse do Padre Gaspar, ao Parque das Crianças pra ver os Tigres de Bengala. Comprava-nos “piper e azedin” na Lobrás e o “Zé Carioca” na banca do Bodinho. Conferia a Coluna da Hora tomando caldo de cana e pastel (com caroço) na Leão do Sul ou uma bananada do Pedão no Abrigo Central, o primeiro *Shopping Center* de Fortaleza.

Mas o melhor mesmo daquele tempo eram as quadrilhas juninas que papai nos levava na casa da Dona Ruth, na vizinha Senador Pompeu. Naquela época não havia pulseirinha paga para entrar nas festas, nem reserva de lugar. Todo mundo se conhecia. Pois foi numa noite dessas que conheci minha primeira namorada, numa festa de São João. Ela era linda, uma mistura de Jeniffer Lopes de trança com Ivete Sangalo de vestido rodado. Eu era feliz e sabia!

Mas o malvado espelho meu dizia que “o par” dela na quadrilha era mais “arrumado” do que eu... com minha camisa quadriculada por cima da “volta ao mundo”, calça Faroeste Boca-de-Sino, sapato Cavalo-de-Aço, brilhantina Glostora, Leite de Rosa no sovaco, Atkinson no cangote, mascando “chiclete” Adams de caixinha.

Na verdade, minha namorada de São João nunca “tomou ciência” que eu era seu namorado, ... nem do verso que fiz pra ela: “*Se um dia eu morri/ Morri de amor/ Morri sem dor/ Era noite de São João !*”.

Mauro Oliveira

Membro do Conselho O POVO de Educação e da Academia Aracatiense de Letras